Exílio da Atlântida
Rei Kull
De Robert Erwin Howard

Tradução: Fabrício Sousa (fabriciossousa@superig.com.br) (fabriciossousa@hotmail.com)

O sol se punha. Um ultimo esplendor carmesim enchia a paisagem e pousava, como uma coroa de sangue, sobre os picos cobertos de neve das montanhas. Os três homens que contemplavam o agonizar do dia respiraram profundamente a fragrância da brisa que vinha dos distantes bosques, mas logo voltaram sua atenção para algo muito mais material. Um deles se achava assando um veado em uma pequena fogueira; tocou com um dedo a carne fumegante e o levou à boca, provando-o com um gesto próprio de um cozinheiro experiente.

-Já está preparado, Kull, Khor-Nah; podemos comer.

Quem assim havia falado era jovem, apenas um pouco mais que um garoto, grande de estatura, de cintura delgada e ombros largos, se movia com a graça natural de um leopardo. Quanto a seus companheiros, um, o homem de mais idade, mostrava uma constituição poderosa e maciça, cabeludo e com um rosto com expressão agressiva. O outro era parecido com o jovem que havia falado, exceto pelo fato de ser mais alto, com um tórax maior e os ombros mais largos. Dava a impressão, inclusive em maior medida que o primeiro jovem, de ser possuidor de uma grande velocidade oculta em seus músculos grandes e suaves.

-Bem – disse este- já começava a ter fome.

-E quando não tem, Kull? – brincou o primeiro jovem.

-Quando luto – respondeu Kull com expressão séria.

O mais alto dos homens dirigiu uma rápida olhada a seu amigo, tratando de imaginar o que estaria passando nos recônditos de sua mente. Nunca estava seguro do que pensava seu amigo.

-O que sente então é sede, mas de sangue –disse o mais alto dos homens-. Am-ra, pare com suas piadas e corte uns pedaços de carne para nós.

Iniciou-se o cair da noite e algumas estrelas começaram a piscar. O vento do anoitecer soprou sobre a paisagem montanhosa, envolta no crepúsculo. Ao longe um tigre rugiu de repente. Khor-Nah efetuou um movimento instintivo em direção à lança de ponta que havia deixado no chão, ao seu lado. Kull moveu a cabeça, e uma estranha luz piscou em seus frios olhos cinzas.

-Os irmãos listrados saem de casa esta noite – disse.

-Adoram a lua cheia – disse Am-Ra indicando a direção leste, de onde se punha de manifesto um brilho avermelhado.

-Por que? – perguntou Kull – a lua põe a descoberto tanto suas vítimas como seus inimigos.

-Uma vez, já faz muitos séculos – disse Khor-Nah – um rei tigre, perseguido por caçadores, invocou a "mulher da lua", e ela fez uma parreira pela qual ele subiu para ficar

em segurança, e viveu durante muitos anos na lua. Desde então, os irmãos listrados adoram a lua.

-Isso eu não acredito – disse Kull bruscamente – por que iriam adorar a lua apenas pelo fato de ter ajudado apenas um de sua espécie tanto tempo atrás? Mas de um tigre já subiu pelo Escarpado da Morte e assim conseguiu fugir de seus perseguidores, e apesar disso não adoram o Escarpado? Como iriam saber o que ocorreu a tantos anos?

Khor-Nah franziu a testa.

-Pouco te ajuda fazer escárnio do teu povo de adoção, Kull. Esta história deve estar correta porque foi passada de uma geração para outra durante mais tempo do que pode imaginar. E o que sempre foi, sempre será.

-Pois eu n ao creio – reiterou Kull – Estas montanhas sempre existiram, entretanto, algum dia irão desmoronar e desaparecer. Chegará o dia em que o mar inundará todas essas montanhas.

-Já basta de blasfêmias! –exclamou Khor-Nah, com uma expressão que parecia de cólera- . Kull, somos bons amigos e tenho paciência contigo porque és jovem.. Mas há algo que deve aprender: respeitar a tradição. Fica fazendo brincadeiras com os usos e costumes do teu povo, principalmente você, a quem esse povo resgatou da selva e te ofereceu um lar e uma tribo.

-Não era mais do que um macaco perambulando pelos bosques – admitiu Kull, sem a menor vergonha - Eu não sabia falar a língua dos homens, e meus únicos amigos eram os tigres e os lobos. Não sabia quem era meu povo, nem de que sangue descendia...

-Isso não importa – interrompeu Khor-Nah - tens todos os aspectos desse povo fora da lei que vivia no Vale do Tigre e que pereceu na grande inundação. Mas isso pouco importa. Tem demonstrado ser um valente guerreiro e um eficiente caçador.

-Aonde encontraria um jovem que se igualasse no arremesso de lança e na luta corpo a corpo? – perguntou Am-Ra com os olhos entusiasmados.

- Está certo – concordou Khor-Nah – é um orgulho para a tribo da montanha do mar, precisamente por isso deveria controlar melhor sua língua e aprender a reverenciar as coisas sagradas do passado e do presente.

-Eu não faço brincadeiras – disse Kull sem malícia- , entretanto muitas das coisas que os sacerdotes dizem são mentiras, pois eu mesmo já vivi com os tigres e conheço as bestas selvagens melhor que os sacerdotes. Os animais não são nem bons nem maus, mas os homens, com sua luxúria e avidez é que são.

-Mais blasfêmias!- interrompeu Khor-Nah enojado – O homem é a criação mais magnífica de Valka!

Am-Ra interveio então para mudar de assunto.

-Esta manhã eu ouvi som de tambores na direção da costa. Há guerra no mar. Valusia luta com os piratas lemurianos.

-Eu desejo má sorte a ambos os lados – grunhiu Khor-Nah.

-Valusia! – exclamou Kull com os olhos novamente acesos - a terra dos encantamentos! Algum dia verei a grande Cidade das Maravilhas.

-Maldito será o dia em que conseguir – advertiu Khor-Nah com dureza – Estará enrolado em correntes e sobre ti cairá o espectro da tortura e da morte. Nenhum homem da nossa raça chega na Cidade das Maravilhas, a não ser como escravo.

-Que a má sorte caia sobre ela – murmurou Am-Ra.

-Que seja uma sorte negra e um destino vermelho! Exclamou Khor-Nah, mostrando o punho para o leste - que por cada gota de sangue atlante derramada, por cada escravo que leva em sua galeras, caia uma praga negra sobre a Valusia e os sete impérios!

Am-Ra, entusiasmado, se pôs de pé em um pulo e repetiu parte da maldição, enquanto Kull, tranqüilamente, cortava um novo pedaço de carne.

-Já lutei contra os valúsios – disse -, e devo admitir que se mostraram muito valentes em batalha, mas não foram difíceis de se matar. Tampouco pareciam tão malvados.

-Porque só lutaste contra os frágeis soldados da costa norte – grunhiu Khor-Nah -, ou contra as tripulações dos navios mercantes estacionados na costa. Espera até que tenhas enfrentado a força dos esquadrões negros das legiões da Valusia, ou contra o Grande Exército, como eu fiz. Isso sim que é bom! Havia sangue até para se beber! Junto com Gandaro, o da lança, percorri toda a costa valusia, quando todavia era mais jovem que tu, Kull. Ah, aqueles sim foram bons tempos. Levamos a tocha e a espada para os lugares mais profundos do império. Éramos quinhentos homens, procedentes de todas as tribos ribeirinhas da Atlântida. Mas só quatro regressaram! O grosso dos esquadrões negros nos dizimou nas proximidades da região do povo dos falcões, que antes havíamos incendiado e saqueado. Ali, as espadas e lanças saciaram sua sede de sangue. Esquartejamos e fomos esquartejados, mas uma vez que os gritos de batalha cessaram só quatro de nós podemos escapar do campo, e nós quatro estávamos cheios de ferimentos.

-Ascalante me disse que as muralhas da Cidade de Cristal tem dez vezes a altura de um homem – disse Kull que não desejava mudar de assunto-. Que o brilho do ouro e da prata era capaz de deslumbrar qualquer um, e que as mulheres que enchem as ruas ou assomam nas janelas vão vestidas com estranhas túnicas que rangem e brilham ao mover-se.

-Quem melhor poderia saber disso que Ascalante – disse Khor-Nah endurecendo o rosto- Foi escravo lá durante tanto tempo que acabou esquecendo seu bom nome atlante, e teve de conformar-se desde então com o nome valúsio que lhe puseram.

-Entretanto, ele conseguiu fugir – comentou Am-ra.

-Certo, mas para cada escravo que consegue escapar das correntes dos Sete Impérios há pelo menos sete que apodrecem nas masmorras e morrem a cada dia, pois nenhum atlante foi feito para suportar a escravidão.

-Temos sido inimigos dos Sete Impérios desde o alvorecer dos tempos – murmurou Am-ra.

-E seguiremos sendo até que o mundo se acabe – disse Khor-nah com uma selvagem satisfação- pois Atlântida, graças a Valka, é inimiga de todos os outros homens.

-Am-ra pegou sua lança e se preparou para fazer a guarda do acampamento. Os outros dois se deitaram na grama, dispostos a dormir. Com que sonharia Khor-nah? Talvez com uma batalha, ou com o retumbar dos búfalos, ou com uma mulher das cavernas. Enquanto a Kull...

Através da neblina de seu sonho soou fraco e distante a dourada melodia das trombetas. Nuvens de radiante esplendor flutuavam sobre ele; então, então uma magnífica visão surgiu no seu sonho. Uma grande multidão de gente se estendia a grande distancia, e até eles chegava um rugido tormentoso expressado em uma língua estranha. Se percebia ligeiros sons de aço se entrechocando, e grandes exércitos negros se estendiam a direita e a esquerda; a neblina se dissipou, e um rosto surgiu nitidamente, destacando-se; um rosto por cima do qual firmava-se uma coroa real. Era um rosto como de um falcão, de expressão

fria, imóvil, com olhos cinzentos. Então, a multidão voltou a gritar: “Viva o rei!, viva o rei!, viva Kull, o rei!”

Kull despertou com um sobressalto. O resplendor da lua iluminava as distantes montanhas, o vento soprava por entre a alta relva. Khor-nah dormia a seu lado, e Am-ra estava de pé, como uma estátua seminu de bronze que contrastava com a luz das estrelas. Os olhos de Kull caíram sobre sua escassa vestimenta; uma pele de leopardo enrolada sobre seus quadris. Um bárbaro seminu. Os olhos de Kull brilharam. Kull o rei! Voltou a dormir.

Se levantaram pela manhã para percorrer o caminho que levava às cavernas da tribo. Entretanto o sol não havia se elevado muito quando distinguiram o amplo rio azul e as cavernas da tribo em sua frente.

-Vejam! -exclamou Am-ra- estão queimando alguém!

Diante das cavernas havia se instalado um pesado poste, ao que haviam amarrado uma mulher jovem. As pessoas que a rodeavam, com olhares endurecidos, não mostravam o menor sinal de piedade.

-Sareeta – disse Khor-nah com um rosto impassível - . Essa vadia se casou com um pirata lemuriano.

-Ah! Exclamou uma anciã com olhos petrificados – minha própria filha! Trousse a vergonha para a Atlântida! Não é mais minha filha! Seu homem morreu e ela foi jogada na praia quando o navio foi afundado pelas embarcações da Atlântida.

Kull olhou para a jovem com expressão piedosa. Não entendia. Por quê razão aquelas pessoas, que eram de seu próprio sangue e raça, se enojavam tanto dela pelo simples fato de ter escolhido se casar com um inimigo de sua raça? Em nenhum dos olhares dirigidos a ela conseguiu o menor sinal de simpatia. Apenas nos estranhos olhos azuis de Am-ra havia tristeza e compaixão.

Não havia maneira de saber o próprio rosto imóvel de Kull. Mas o olhar da mulher se fixou nele. Não havia medo em seu olhos; só uma profunda e vibrante súplica. O olhar de Kull pousou sobre a pilha de lenha colocada sob seus pés. O sacerdote que agora proferia uma maldição, não demoraria em inclinar-se para por fogo com a tocha que segurava com a mão esquerda.

Kull se deu conta de que a mulher havia sido amarrada ao poste mediante uma pesada corrente de madeira, um objeto muito peculiar que mostrava a típica manufatura atlante. Não podia cortar aquelas correntes, porém decidiu ir na direção dela, abrindo caminho entre a multidão. Os olhos da mulher não saiam de cima dele, suplicantes.

Observou de novo a lenha e levou a mão uma adaga de ponta larga de sílex pendurada em seu cinto. A mulher, ao ver seu gesto, assentiu com um movimento de cabeça e uma expressão de alívio se formou sobre seus olhos.

Kull agiu tão repentina e inesperadamente como uma cobra. Puxou a adaga do cito e a arremessou com força. Se cravou um pouco abaixo do coração da mulher, matando-a instantaneamente. E enquanto a multidão permanecia boquiaberta, Kull girou sobre seus calcanhares e se pôs a correr, subindo vários pela escarpa, ágil como um felino.

A multidão continuou quieta e em silêncio durante um momento mais. Logo, um homem pegou arco e flecha e olhou as escarpas por onde Kull seguia subindo, a ponto de chegar mais alto. O arqueiro mirou, cerrando os olhos, e nesse exato momento Am-ra, como por acidente, trombou nele, atrapalhando-o, e a flecha partiu sem direção. Logo, Kull já havia desaparecido no alto do penhasco.

Ouviu os gritos que lhe seguiam. Os membros de sua própria tribo, acendidos pelo afã de sangue, pareciam ávidos por captura-lo e mata-lo, por haver violado o que para ele não era senão um estranho e sangrento código moral.

Mas na Tribo da Montanha do Mar não havia nenhum atlante capaz de capaz de ganhar de Kull na corrida.

Kull escapa das garras de seus enfurecidos companheiros de tribo, só para cair cativo dos lemurianos. Durante os dois anos seguintes, trabalhou como escravo nos remos de uma galera, antes de conseguir escapar. Empreende então uma viagem para Valúsia, onde se converte em um proscrito, oculto nas montanhas, até que, capturado, vai para as masmorras. A sorte, entretanto, lhe sorri, e se torna depois, sucessivamente, em gladiador na arena, soldado no exército, e finalmente, comandante. Logo, com apoio de mercenários e certos nobres valúsios descontentes, aspira o trono. E é Kull quem mata o despótico rei Borna e lhe arranca a coroa de sua ensangüentada cabeça. O sonho, por fim, virou realidade: Kull da Atlântida se instala no trono da antiga Valúsia.